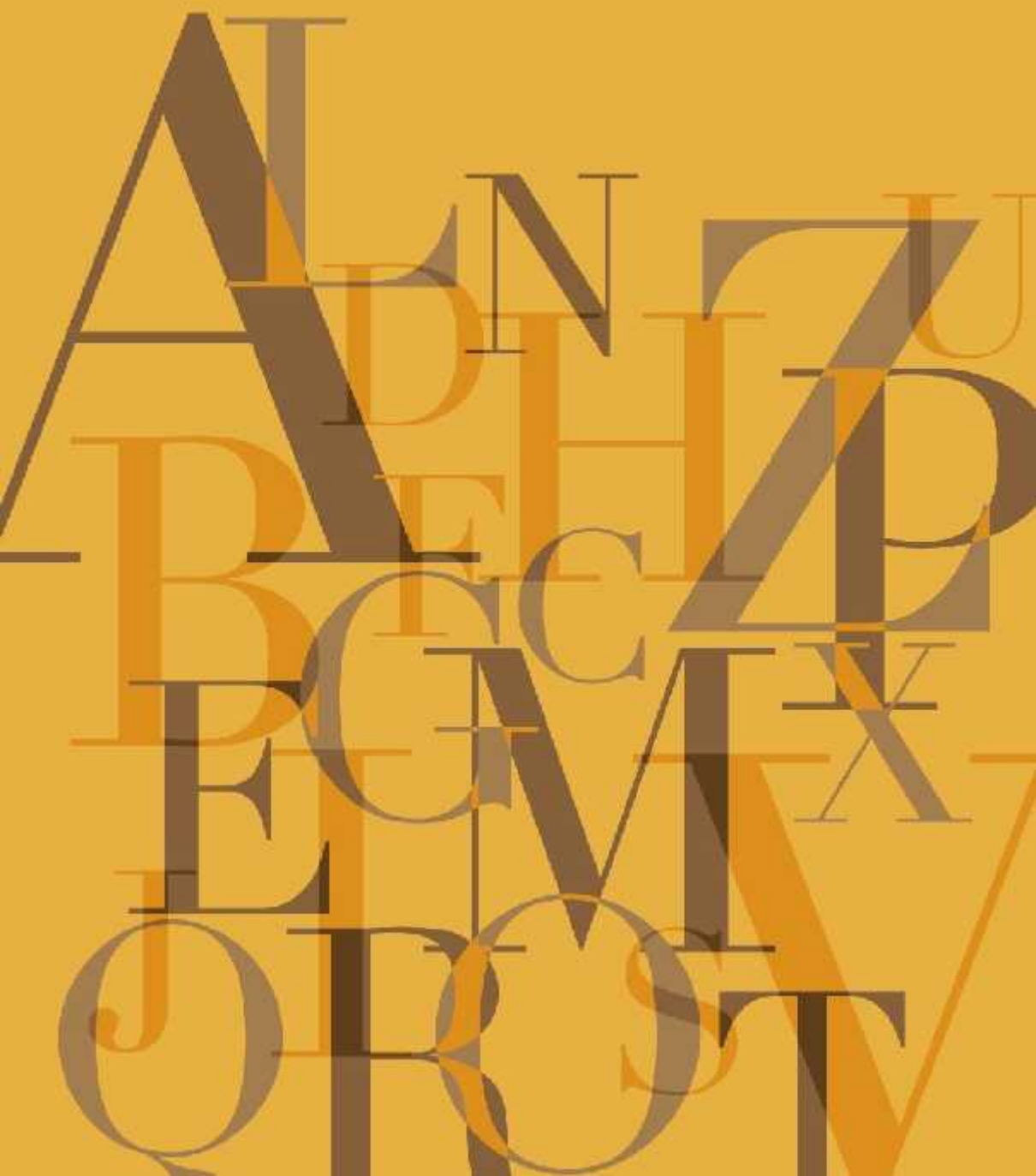


IRENE PRATA

**PROVÉRBIOS PARA SORRIR
OU... REFLECTIR**



FICHA TÉCNICA

Autor

Irene Prata

Co-Autor

Manuela Costa Duarte

Design de capa

Maria Costa Duarte

Imagens

NASPE, CMC, Postais Cai Agua, Monografia de S. Pedro

Produção

NASPE

Edição

Agosto, 2017

Design, paginação, impressão e acabamento

CERCICA, CRL

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

978-989-20-7728-4

Depósito legal

429207/17

A presente edição não segue a grafia do novo AO da Língua Portuguesa de 1990.

❧ INDÍCE ❧

Identificação da Autora	6
Nota da Autora	7
NASPE	8
Freguesia de Cascais e Estoril	9
Prefácio “ <i>A força que o Provérbio tem</i> ”	10
Letra A	14
❧ Provérbios	17
Letra B	64
❧ Provérbios	67
Letra C	74
❧ Provérbios	77
Letra D	92
❧ Provérbios	95
Letra E	106
❧ Provérbios	109
Letra F	120
❧ Provérbios	123
Letra G	128
❧ Provérbios	131
Letra H	134
❧ Provérbios	137
Letra I	140
❧ Provérbios	143
Letra J	144
❧ Provérbios	147
Letra L	148
❧ Provérbios	151
Letra M	154
❧ Provérbios	157
Letra N	170
❧ Provérbios	173
Letra O	188
❧ Provérbios	191
Letra P	206
❧ Provérbios	209
Letra Q	222
❧ Provérbios	225
Letra R	258
❧ Provérbios	261
Letra S	264
❧ Provérbios	267
Letra T	280
❧ Provérbios	283
Letra U	296
❧ Provérbios	299
Letra V, X e Z	306
❧ Provérbios V	309
❧ Provérbios X e Z	317
Agradecimentos	318

❧ PREFÁCIO ❧

A força que o Provérbio tem

Quando me foi solicitado que escrevesse umas palavras de apresentação deste livro a que Irene Prata quis dar o título de *Provérbios para Sorrir ou... Reflectir*, o pensamento levou-me de imediato ao significado profundo que o provérbio detém como, antes de mais, repositório de um saber ancestral, consolidado ao longo de gerações e consubstanciado em pequena frase preñe de sentido.

Claro, como epigrafista, pensei que também nas lápides epigrafadas se condensam, em palavras poucas, emoções grandes, sentimentos fortes, a doçura do mel e a corrosiva acidez do fel. E atentei no enorme valor da Palavra: «No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus», escreveu S. João logo no princípio do seu evangelho. De facto, «provérbio» deriva etimologicamente de *pro verbum*, ou seja, é algo que está «em vez do verbo, da palavra»; ou, dizendo doutra forma, algo que à palavra atribui uma força especial, fecunda. No fundo, estamos perante o que poderíamos traduzir por «sentença», dito breve mas cheio de valor (como as palavras que os juízes proferem), máxima por que devemos pautar-nos para singrar na ‘máxima’ perfeição.

Também se lhe chama «anexim», tributo nosso à herança árabe, das coisas concretas: em árabe é «annexid» ou, noutra forma de transcrição, «an-naxid», que tem, nessa língua, um sentido, ainda mais preciso, de ‘canto’, ‘poema’. «Adágio», por seu turno, que é outro dos vocábulos por que o provérbio se designa, confirma, na sua etimologia, quanto atrás se afirmou: o *adagium* latino formou-se a partir de ad ‘+ aio, tendo «aio» o significado de «dizer que sim», «afirmar» e mesmo «determinar», «estatuir», isto é, algo a que é preciso dar a maior atenção e, até, obedecer. Poder-se-ia imaginar que «aforismo» não conteria em si essa força; mas não: em grego, ἀφορισμός (donde veio o latino aphorismus) detém o significado de ‘definição sumária’, ‘frase que exprime de forma muito concisa um princípio moral, uma verdade generalizada, uma regra de comportamento’. E o mesmo se poderia pensar de «ditado», usado habitualmente na expressão «ditado popular», e estaríamos enganados, como facilmente se compreende se relacionarmos o vocábulo com outro que habitualmente abjuramos, «ditadura», sinónimo de força em sumo grau.

Para além, todavia, dessa conotação ou, melhor dizendo, é seguramente essa conotação adveniente de um outro factor primordial: a tradição, a experiência, a memória. Em frase curta se compendiou todo um saber acumulado de geração em geração, como atrás se referia. E esse aspecto justifica, a meu ver, o interesse que, de há pouco mais de uma dezena de anos para cá, o estudo dos provérbios despertou, de modo que, além de se multiplicarem os livros que reúnem provérbios (uma forma, atente-se, de mostrar receio de que se perca a tradição), se ter criado quase uma ciência, a Paremiologia (do grego παροιμία, «provérbio») e, entre nós, a Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology (AIP-IAP), «a única no seu género a nível mundial», que está sediada em Tavira e que se «ocupa do estudo científico dos provérbios em todo o mundo»; tem página na Internet – <http://www.aip-iap.org> – e «organiza várias actividades ao longo do ano: exposições, palestras, concertos, tertúlias, idas a bibliotecas, escolas, fundações e instituições

de solidariedade social para dinamizar e divulgar a tradição oral através das ideias transmitidas pelos provérbios»... Assim, pode desde já acrescentar-se que está prevista para o próximo mês de Novembro deste ano de 2017, precisamente em Tavira, o 11º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios.

O que atrás se disse justifica que, na 6ª sessão da Assembleia-Geral dos Estados-Parte da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, realizada, de 30 de Maio a 1 de Junho de 2016, na sede da UNESCO, essa Associação Internacional de Paremiologia haja sido confirmada como uma Organização Não-Governamental (ONG), «acreditada para prestar serviço de consultoria ao Comité do Património Cultural Imaterial da UNESCO na área da tradição oral-paremiologia». É, de facto, de património cultural imaterial que estamos a falar – e, daí, a sua importância.

Confesso que, quando o meu amigo Doutor Peter Koj – grande divulgador da Língua Portuguesa e de Portugal, onde leccionou durante vários anos e onde às mil maravilhas aprendeu o português, tendo fundado, em Hamburgo, onde ora reside, a Associação Luso-Hanseática – me informou que ia publicar o álbum bilingue *Passatempo Proverbial / Spaß mit portugiesische Sprichwörtern*, estranhei deveras essa intenção; mas, ao ver comentários cerca de 600 provérbios nossos, equiparados aos correspondentes alemães e, ainda por cima, acompanhados de ilustrações bem sugestivas (o livro foi apresentado no passado mês de Abril), dei conta de que, na verdade, o provérbio constituía algo de mui precioso do património de cada país.

Aplaudi, por isso, de coração, esta iniciativa de Irene Prata, edição que o NASPE – Núcleo Amigos S. Pedro Estoril e a Junta de Freguesia de Cascais e Estoril prontamente, e em boa hora, se disponibilizaram a apoiar. E se me alonguei na introdução ao livro foi proposadamente, para que se não pense que estamos perante um empreendimento único, singelo, sem grande valia, uma ideia individual que assim viu satisfeito o desejo de ter em letra de forma uma colectânea feita ao longo de anos. Não. No seu significado profundo, o livro insere-se numa tendência geral de consciencialização da importância que as expressões proverbiais representam no âmbito do património cultural imaterial.

Mais! Irene Prata não se limitou a alinhar por ordem alfabética da primeira palavra centenas de provérbios (perdoar-me-á se os não contei...): comentou-os a todos com uma quadra de sabor popular (rima o 2º com o 4º verso), manifestando-se contra ou a favor do conceito que o provérbio consubstanciava. Enriqueceu, desta sorte, um património já de si rico e valioso.

Não posso, porém, deixar de fazer alguns comentários, para que melhor se entenda o que se vai ler e, também, para que, numa futura segunda edição, a Autora, se assim o entender, aprimore ainda mais o que com tanta argúcia e entusiasmo ora nos apresenta.

Diga-se, em primeiro lugar, que – ao contrário do que é hábito – os artigos também contaram para a ordem alfabética. Exemplifico: «Um homem prevenido vale por dois» está na letra U; «A alma do negócio é o segredo» está na letra A. Sirvam-nos também estes dois exemplos para ilustrar uma outra faceta, porque o habitual é dizer-se «Homem prevenido vale por dois» (e, por isso, iríamos procurar no H) e «O segredo é a alma do negócio» (e seríamos tentados a ir ao rol dos SS).

Importa explicitar, em segundo lugar, que o livro não trata só de provérbios. Não sei

se por distração ou propositadamente. É que o cerne do provérbio reside na mensagem que transmite, na norma que pretende inculcar. Assim, para exemplificar «Dar o braço a torcer» não é um provérbio mas uma expressão idiomática, enquanto que «Dar tempo ao tempo», sim, contém um ensinamento, como a Autora mui judiciosamente comenta:

«É uma grande virtude
Há que reconhecer
Tudo leva o seu tempo
Nem tudo se faz a correr».

«Passar de cavalo a burro» ou, como será, porventura, mais habitual, «andar de cavalo para burro», «isso não é da tua conta», «meter-se em camisa de onze varas», «morrer de morte macaca» constituem, igualmente, expressões idiomáticas, enquanto «A ocasião faz o ladrão» ou mesmo «tapar o sol com uma peneira» são frases que encerram conteúdos normativos.

Neste aspecto, poderia multiplicar os exemplos, embora também duvide que caibam aqui, como provérbio, os versos de Fernando Pessoa «Tudo vale a pena / Quando a alma não é pequena».

Não há que admirar se do mesmo provérbio houver duas versões diferentes: «Querer sol na eira e chuva no nabal» e «Sol na eira, chuva no nabal, seria o ideal» (de que também há a versão, aqui não referida, «sol na eira e chuva no passal»); «Cada cabeça cada sentença» e «Tal cabeça tal sentença».

Creio faltarem – mas podem ter-me escapado – as alusões às épocas do ano: «Março marçagão, de manhã Inverno, de tarde Verão», «Em Abril, águas mil», «Pelo S. Martinho, vai à adega e prova o vinho». E ainda uma outra, de que bem precisados andamos, nos tempos que correm: «A rico não devas e a pobre não prometas». Ou: «Quem semeia ventos colhe tempestades» – que é equiparável à que vem transcrita «Quem semeia ódios, colhe vinganças», que se me afigura, porém, não ser tão eloquente.

Penso que haverá, aqui e além, alguma distração ou recolha menos corrente. Assim, eu diria «Longe da vista, longe do coração» (e não perto); «Quem foi ao mar [e não ao ar] perdeu o lugar», «Grão a grão enche a galinha o papo» (e não «a grão a grão...», provérbio que também tem uma forma ainda mais popular, porque inclusive com rima: «Grão a grão enche a galinha o sarrão»; «Devagar se vai ao longe», em vez de «Devagar começa quem quer andar depressa» (ou as duas); «Viver não custa, o que custa é saber viver» (a última palavra foi omitida e julgo ser importante).

Haverá alguns comentários a merecer reflexão, a meu ver. Exemplifico:

– «Moça que casa com bacharel não tem quartel»: a Autora acha que «são palavras de antigamente» e que, «hoje, seja ele bacharel ou não, há que tocar a vida para a frente»; ora, o que se me afigura é que estamos perante um retrato de antigamente, sim, porque hoje se não fala de bacharéis, mas fala-se, por exemplo, de professores; e quem casa com um professor tem... quartel? Não tem de andar sempre com a mobília às costas, mercê da estranha política governamental que, este ano, coloca um professor no Algarve e, no ano seguinte, o atira para Trás-os Montes?...

– «Homem casado, nem bom marido nem bom soldado». A quadra-comentário é a seguinte: «Será talvez uma visão pessimista / Para denegrir os homens casados / Há os

que cumprem bem o seu dever / Sem deixarem de ser bons soldados». Ora, a meu ver, a sentença poderá encerrar maior malícia: será bom marido um homem casado (entenda-se: com outra)? E quanto a não serem bons soldados os homens casados, basta recordar que, durante muito tempo, o soldado carecia de licença expressa para casar. Aliás, no tempo dos Romanos, os soldados estavam mesmo proibidos de contrair matrimónio!

– «Meninos e passarinhos, só em casa dos vizinhos». Explica a Autora: «É bem acertado o rifão / Sem sombra de fantasia / Mas são eles a melhor coisa / Para encher a casa de alegria». Essa adversativa – «são eles a melhor coisa» – não contradiz o acerto do rifão? É que, se bem compreendo, o que o adágio sugere é que ter meninos e ter pássaros o melhor é em casa dos vizinhos: a gente diz olá, faz uma festa à criança, imita um chilreio e... não tem mais com que se maçar! Ou não será?!...

– É igualmente pleno de malícia este provérbio: «Morto por morto, antes a velha que o porco», frase que deveremos imaginar na boca de um genro, creio eu. Assim o não entendeu Irene Prata, que preferiu escrever: «Não tinha a razão do seu lado / Quem fez tal afirmação / Entre a velha e o porco / Não existe comparação».

Em contrapartida, está bem apanhado o comentário a «Um olho no burro e outro no cigano», ainda que não explicita a situação concreta a que o adágio alude e prefira a generalização: «Todo o cuidado é pouco / Nos tempos que aí vão / Pelas ruas da amargura / Em cada esquina um burlão».

Proposto para publicação pelo NASPE, foram mui acertadamente aproveitadas as páginas de cortina para ilustrarem um outro património, esse, sim, exclusivo de S. Pedro: os seus recantos típicos; os seus vetustos monumentos, como a ponte filipina; as placas do Automóvel Clube de Portugal que perduram e apontam caminhos de outrora, designadamente a antiga «Estrada Real»; o Centro Interpretativo da Pedra do Sal; a Colónia Balnear Infantil de «O SÉCULO»; fotografias de uma célebre Cae Água; o espólio das grutas eneo-líticas sobre a falésia...

Enfim, uma obra que, ao cumprir um desejo da Autora, acaba por nos enriquecer, dando-nos conta de um secular património oral, que mui judiciosamente se procurou também situar no ambiente específico de S. Pedro do Estoril, permitindo-nos conhecer o que nele os seus habitantes se revêem. E bem fez, portanto, a Junta de Freguesia de Cascais e Estoril em conceder este patrocínio: é vendo com olhos de ver o Património que a população melhor se consciencializa das suas raízes e luta para as preservar.

José d'Encarnação

7 Julho 2017